



## Quinzenário Humorístico e Literário

• Director - DAVID BRAGA

• • • • • Propriedade da Empreza de "O TARALHÃO"

• • • • • Editor - MENDES BRAGA

Redacção e Administração: Rua Dr. José Sampaio, 6

— Tipografia Minerva Ribeiro: Composição e Impressão

## Guimarães

E' esta uma cidade augusta de remotas tradições. O seu passado a alevanta e dignifica, fazendo a imortal e dando-lhe vulto entre os escombros duma ruina quasi total. Cidade gigantesca e imponente, a Guimarães é a reminiscencia consoladora da gente aguerrida, o fruto religioso dos herois de outróra. Dela falam as musas evocando o castelo velhinho, a histórica capelinha de S. Miguel do Castelo e as muralhas denegridas que, aqui e além, destacam em ferrapos abandonados que quasi se desmoronam. Dela fala a arte arquitetónica na vetusta e veneranda igreja da Colegiada e noutros monumentos. Nela se desenrolaram, segundo diz a história, sonhos de tragédia... tragédias de amor!...

Guimarães é uma mãe gloriosa. Seus filhos têm sido grandes. Quando a noite cai, negra e fria como o crepe sobre o ataúde, as sombras enervadas de inditosos vimaranenses, há tanto esquecidos pela ingratitude dos tempos, agitam-se coléricamente como espectros e deixam fugir o som cavo das suas vozes, a rouquidão impotente da eloquência morta, em lamentos repassados de profundissima dor, em soluços que eternizam.— E' que os seus corações ainda palpitam! E' que os homens de hoje não correspondem á história que eles, a sacrificio de vidas e de carinhos, derramando sangue e vertendo lágrimas, motivaram com a genuina lhaneza tam exclusiva da indole lusitana.

Guimarães é hoje um importantissimo centro industrial e tambem comercial, mas na azafama da labuta, a que a cidadésinha laboriosa se entrega, quasi se esquecem, se não se esqueceram já, da VIMARANENSE belicosa, do berço da raiz fecunda em que o pendão lusitano, hasteado e óvante sobre as ameias musguentas do seu castelo

se desfaldava ao sol bendito da glória.

A ambicionada e cautelosa vilinha de nossos avós, berço rajante que embalou com fé a puerilidade dum povo que devia enaltecer-se nobremente sobre a humanidade de então, é actualmente a pousada do proletariado.

Leis do tempo!—Efeitos do progresso!

Contudo, quantos pedaços de granito anoldados pelo cinzel do canteiro, quantos bocados de rocha degranada pela intempérie das invernias, nos não revelam a luz dos idos tempos!

Oh quantos, quantos!... Neles se inspirou o incomparavel historiador do século XIX, Alexandre Herculano, para dar vida e calor á sua obra imortal a que deu o nome de «BOBO».

Respeitemo los! Rezemos lhes orações de graça! E vós, homens da minha terra, ao passardes perto desses restos de vida, quedaí um momento e palpitaí baixinho para que não acordem do sono infinito aqueles que, ora ignorados, tornaram grande a nossa mãe natal.

São ésses fragmentos da antiga Guimarães a única doçura nas meditações dos pessimistas, são reliquias santas dos optimistas e culto ardente da juventude bulhçosa.

Tudo claro! Ninguém melhor que a mocidade sabe respeitar e venerar com o delirio esfusiante das almas entusiastas, aquilo que nossos avós nos legaram. Temos mais ainda. Os arrabaldes têm o encanto das regiões sonhadas pela imaginação viva do pintor e denotam tambem a melancolia que os poetas nos transmitem no outôno. Subá nos ao cume da Penha e espraíamnos a vista sobre o aspecto suberbo desta cidade. Veremos a paisagem, difficil de imitar pelo pincel mais delicado, a luzir graciosa num tom esverdeado.

## Na berlinda

—Olha!... Olha!... Oh! Maria do Carmo, não vês aquele janota, todo triques á beirinha, alto, elegante, que anda por baixo da nossa janota?!...

—Vejo mais do que um! Qual dêles é a quem te queres referir? ao Carvalho ou ao outro que com êle anda?

—Ao Carvalho... pois o outro tem uma cara que parece um *ximio*. Reparaste nos gestos que faz?... anda-nos a fazer namôro!...

—Não digas isso alto, e... não faças tanto escarcéu, pois a Elvira pode ouvir e começar a dizer que a gente se anda a fazer para êle. O melhor é fugires para dentro, Branca.

—Não dizes mal... e vamos falar um pouco mais baixo, porque as paredes têm ouvidos. O Carvalho tem os gostos estragados, pois a Elvira não é bonita, tem a bôca muito grande, e o nariz, êsse então, tem a forma de gancho. Se ela fôsse como nós, que parecemos uns «bioussinhos», com uma carinha mimosa, as pernas muito bem feitas e um nariz que faz ciúmes ás matronas cá do burgo...

—Sim... dizes muito bem, Branca, e o que mais as faz morder de inveja é ainda não terem vindo no foco como eu...

—Não, filha, que no «Taralhão» só caem as meninas bonitas como tu!...

—Ah!... Ah!... Ah! a Rosária possui tambem traços de beleza e os queixos tam pequeninos que era digna de ser focada.

Guimarães é bela. A fantasia popular não a poupou, adaptando-lhe lendas merencóreas que a tornam sagrada. Finalmente, senhores, num gesto altruista e franco, sejâmos VIMARANENSES recordando o alcácer antigo e salvando os seus vestígios das fúrias humanas...

## No reino dos patos

Oh Arlindo do Zé Maria,  
Assim por pouco d' nheiro  
Eu a fama não queria  
De ficar por caloteiro!

Que são desoito tostões  
Ou quantia equiparada?  
Muito para «pelintrões»  
Que vivem da patuscada.

Ora foi, caro leitor,  
Que o desgraçado miserias  
Respondeu ao cobrador  
Que não pagava e... mais lérias.

Guarda o dinheiro, pimpão,  
Que aqui não há peneirice,  
E, demais, o «Taralhão»  
Não vive da vigarice.

Que importa que o mundo diga  
Que só de doidos eu falo?  
Tu bem sabes a cantiga—  
«Eu lá disse não me ralo»...

Onve aqui, por certo, falha,  
Erro dos distribuidores,  
Pois homens da tua igualha  
Não marcamos p'ra leitores.

Pois é verdade, espantoso,  
Faz correr o mundo a trote,  
A noticia dum baboso,  
Nos ter pregado o calote.

E dizem que refilou  
Com um d'êdo no trazeiro,  
Mas por muito que berrou  
Mais se mostrou caloteiro.

Pois, «amigo», dança o tango,  
Dança o tango prazenteiro  
E come coxas de frango...  
Coisas de pouco dinheiro.

Pobre entre os pobres, coitalo,  
Sem pinga para pagar  
A quem o cão tem ferrado,  
P'ra bem perto vai parar.

—Não faças troca e não digas isso a rir, que há dias passei por um sujeito que anda... um tostão, cento e dez, nunca chega a seis vintens, que me pareceu ser o director do tal «Taralhão» e começou a fi-tar-me.

—Isso era de brincadeira, pois ao Braga não lhe faltam meninas bonitas para o foco e que até lhe fazem namôro para vêr se êle cai na *esparrela*.

—Bem... meninas, o diálogo vai a prolongar-se muito e eu tenho que ir fazer a cama do papá e a Branca vai lavar a louça que ficou do almoço; porisso desculpai-nos, mas vamos-nos retirar.

—Até logo...

—Adeus. Dá muitas recomendações à tua mamá e guarda segredo sobre a conversa que aqui mantive-mos, não vá a Elvira saber!

*Coca-bichinhos.*

Pois, «amigo», como tu,  
Outros aqui hão-de vir,  
Chamados por «Berzabu»  
Que não poupa a quem fugir.

O calote nos pregaste,  
Mas sévêro exemplo demos...  
Lá pagar, tu não pagaste,  
Mas os cornos te posemos.

*Mefistófeles.*

O mesmo sucederá a todos os caloteiros.

## TARALHANDO

VAI finalmente pronunciar-se o tribunal a favor das desditosas escadas do Zé Pinheiro.

O Xico anda a gabar-se que nos bateu. Garantimos e provamos que é falso e prevenimo-lo, pois homem prevenido vale por dois, de que mais dia, menos dia, fica sem a beija.

Há tempos, alguns engraçados fizeram uma *barrela* ao rico Vasquinho. Lamentamos o triste acontecimento e falando com a franqueza que nos é familiar, censuramos o facto... tanto mais que as senhoras respeitam-se sempre.

Não podemos deixar de mencionar o gesto nobre do nosso conterrâneo, o Moreirinha. Sim senhor! O sport não compreende só o foot-ball e com que cara há-de ficar o Victoria, quando o seu ginásio destruir a debilidade do «Atlético»?!!!

Pelo sr. Azevedo Machado, a quem uns chamam o Machadinho das Medalhas e outros Machado das Medalhinhas, dizemos: — condenem-se as ideias, para que fique sendo o Medalhas Machadinho ou Medalhinhas Machado. Do que se resolver pedimos informes.

Oh menino, qual delas preferes? A Sapateira ou a Padeira? Gosa, mas não abuses; não queiras atrancar o ceu com as pernas.

Dá licença *sor* doutor? Olhe que *linguagem desbragada*, significa—dis-soluta e impudente; e assim, queira V. provar-nos a corrupção das nossas frases.

O Zé da Guita deitou-se ha tempos de botas na cama.

O Quintino traz pós de arrôs nas mimosas faces.

Porque é que o Joãozinho Sousa vai namorar quando os manos da pequena estão para o cinema?

Mistério, mistério, profundo mistério!

O Oscar Baptista anda todo radiante pelos elogios do nosso *foco*; até diz ás freguesas: quer botinhas de chibró?... Tem cautela, menino...!

## Irrealizáveis

→ O Arlindo (Z. M.) mandou vir um pacote de *marmelada azul*, preparado chinês), para evitar a deserção completa da sua *vasta* cabeleira.

—Daqui a nada é careca.

→ As barbas do Moutinho vão para o museu de preciosidades.

→ Dizem que o mesmo vai protestar contra a carestia da vida.

→ O C. Pilé vai raptar a namorada na noite de 5 para para 6 do corrente.

Consta-nos que vai passar a lua de mel aos canos de esgoto.

→ A Espanha vai declarar guerra a Portugal por causa da sardinha.

Polbre do Vinagreiro! Estás aqui, estás lá.

→ D. Afonso Henriques alugou o carro da bomba para ir almoçar ás Taipas.

→ O Cunha M. anda desgostoso da vida por nos ter pregado o calote.

→ O palácio dos duques de Bragança vai ser transportado para a rua de Conros.

Aplaudimos a iniciativa.

→ Sugestionado pelos mortos da alta... tensão, o sr. Jordão vai transformar a instalação aerea em subterranea.

→ Apresentou queixa ao sôr *amistrador* aquele infeliz operário que, há dias, foi esmagado pelo electrico n.º 7, linha norte, que gira pela banda de riba, quem vem pela Touguia abaixo.

→ Os restos historicos da nossa policia, 10 e 17, vão bater-se num match de box. Agradecemos o convite.

→ O agente Esteves, parte brevemente na carroça do Tomaz, para Refojos de Basto, a libertar os quadros que ali se encontram reclusos. Desejamos-lhe uma viagem feliz.

→ O Chafarica foi nomeado fiscal das aguas publicas, cargo que vem exercendo com muita competencia. Folgamos com a nomeação.

## Pensamentos e Ditos

Então fizeram-te uma barreira?

*Sofia.*

Eles eram tantos... e eu tão pequeno!

*Vasquinho.*

A mim é que eles não m'a fazem.

*Sofia.*

Pois claro que a ti... era impossível.

?

Enquanto não botares a lágrima misteriosa não tenho pena de ti.

*Novais.*

O' Zeca, dás-me o teu retrato para mostrar ao meu tio?

*Gonzaga.*

Casas com ela?

*Tio.*

Caso... mas não há casas.

*Gonzaga.*

Agora que ofereço 30 o! não há quem me empreste dinheiro a juros.

*Loureiro.*

A minha musa é falsa! Pois quê?! Será tão pouco lido um pobre vate do século XX?

*Jerónimo.*

Não, não... não hei-de ser assinante desse jornal. Não e nunca, pois que no *sêlo*, vale mais sê-lo do que parecê-lo.

*Cachaços.*

Tudo... menos a união dos grupos sportivos; daí deriva a confusão...

*Noronha.*



Rapazes da minha idade,  
Amni, amni, com fervor  
Vereis que a felicidade  
Nasce mui pura do amor.

E' verdade! Eu tambem amo, e, Deus sabe com que loucura.

Sinto perturbado o meu espirito, porque no amor que brota pululando sem a mancha de qualquer ambição mesquinha ha, como sabes, meu caro T. de Andrade, a incerteza amarga, a dúvida que domina.

Toda a gente sabe que pesas qualquer coisa no meio elegante, e alem disso, que muito é, és um bom rapaz. Ora, o que mais me impressiona é a tua maneira de namorar tanto ao desabrigo.

Repara que pode ser um perigo! As rapozas, os lobos, os cigaros e os larapios, que abundam nestas noites frias, são uma ameaça incessante ao teu brio de venceres os *papões*. Depois, aquele geito de olhares para a mimosa dos teus ais, assim de boca aberta para o ar, provoca a maledicencia das bisbilhoteiras que espreitam e fazem figas a todos os que namoriscam qualquer coisinha. Nós bem sabemos que olhas para *Ela*, mas qualquer *rapajuelas* que disto não dê patavina, como aquele *palurdão* que se prantou á tua beira, sem licença das autoridades, dirá a catrapiscar os olhos: —*oh' patêgo, olha o balão*. Isto não é lindo e ai vai um conselho, que é visitares a miude a tua *ricóco* de aeroplano, e assim, fazendo *etape* sobre a cabine, esse formidável armazem de *ele tri... tri... tri... cidade*, falarás pela radio-telegrafia. Isto para evitares incomodos. Depois, os teus sentimentos a voarém pelas nuvens concluem—ou antes—dão-nos a conclusão;—um amor sublime, etéreo.

Porque bem sabes, e isto diga-se em abono da verdade, cá para nós, pois lá o mundo que o ignore, que aquela esquina é impropria para colloquios que se dizem romanescos. Oh' meu rico *Andradinho*, só tu te lembrás disso! Mas que semiscarunfio capricho, o teu! Ora são estas e outras muitas coisas que te trouxeram cá. De resto... alegria e viva a borga. Quando desejares outros conselhos vai á farmacia Alves, que o *Manel* tem bellissimas receitas de *azoto derretido em cal* etc... e tenno dito e redito por hoje...

Foi ao declinar duma tardinha de verão, que eu a vi pela primeira vez absorta e risonha nas suas meditações. De momento a momento, num requebro romanescamente feérico, contemplava serêna a abobada celeste que ao longe, sobre uma serra esfumada, vislumbrava ao rubro clarão do astro rei que se escondia. A brisa, levemente perfumada, voava em ondas sussurrantes em volta da sua cabeceinha graciosa dando frescor á natureza e poesia ao seu perfil que ora pinto.

De facto, não necessito de *clarear* fantasias de romance para mostrar sem tecer galanteios que a harmoniosa menina Santos é um simbolo de beleza feminina.

E' bela. O seu cabelo, um todo de perfeição, é o adorno suavissimo das faces *carminadas* pelo sopro de Adonis, é o *éban* desfiado em tranças divinais.

Os seus olhos, pequeninos olhos de musa, têm um brilho que fere, que perscruta, que penetra.

A boca, interessante boquinha tallhada ao capricho dum ente sobrenatural, é embelezada com uns lábios sanguineos, lábios que se entreabrem em sorrisos que dominam, mostrando uns dentinhos que realçam como o marfim.

A sua voz melodiosa, vibrante como os cantos das sereias, expande-se em toadas que alvoroçam, em hinos que as fadas verteram á dúbia luz do luar.

A sorrir, a sorrir, qual princeza requestada em duelos nobres, a dulcincia deste dia vai desfolhando petala a petala a flor dos seus amores sobre as cabeças anciosas dos seus admiradores.

Não é uma vã quimera. E' uma verdade que a Guimarães aclama orgulhosa. Uma filha que honra com a fascinação dos seus encantos a tradição fiel do passado. O seu corpinho é realmente a perfeição suprema do sexo feminino. Cada gesto, por mais debil que pareça, é um motivo comovente, um fanal rutilante dum inspirado poema.

E ao destoar duma canção d'amor vê marcharem-se amarelentas as rosas que viçosas e coloridas se se desdobraram ao som mavioso e trinadinho do zefiro.

Eis terminada a pintura de hoje.

JAQUES BELO.

NAO-TE-RALES.

# ::: PÁGINA LITERÁRIA :::

## O assassinato de D. Diogo

(A 25 de Agosto de 1484)

### I

Reinava D. João.  
A face emmagrecida e resoluta  
Pelas medonhas iras que sentia,  
O coração tremendo em brava luta,  
Diziam dêle na longa disputa,  
Um homem monstro que vencer queria.  
Embora a tradição crimes lhe imputa  
Na curta vida que p'rigos corria,  
Veremos dar-lhe a história primazia  
Da sua idade que louva e disfruta.  
Mais descansado por vezes dizia  
Na confusão febril daquela luta,  
Num desassombro que ninguém computa:  
Bem mais pudera, quem menos podia!

### II

Era nos fins de Agosto.  
Sobre as casas velhinhas, denegridas,  
E sobre algumas de risonha alvura,  
Com pompas frias, simples, desmedidas,  
Num céu d'opalescencias esbatidas,  
Vestiu o dia a sua capa escura.  
Eis que as canções serenas e sentidas  
De algum mortal, talvez d'alma bem pura,  
Que se afastava lento da negrura,  
Voaram p'lo céu, gélidas, tremidas!  
Nos logarejos tristes da natura  
Geravam já revoltas mui temidas  
Contra o tirano das honras perdidas,  
Implacavel rei nas tremendas juras.

### III

Hora silenciosa!...  
A solidão na câmara real  
Reinou constante por largos momentos,  
E num silêncio imenso e sepulcral  
O vislumbre da lua angelical,  
Par'cia predizer os vis tormentos.  
Noite serêna, aspecto nocturnal  
Como jamais se pode em pensamentos  
Supôr-se bela com deslumbramentos  
Como essa noite na quadra estival!  
D. João dormitando em fingimentos,  
Para fugir dos maus vencendo o mal,  
Sentiu passadas loucas de chacal  
Talvez quem sabe (?) se com maus intentos!

### VI

Próxima a tempestade!  
Envolto numa capa desbotada  
Caminhou D. João, de tocha acêsa,  
Para matar sem dó a gente ousada  
Que contra si tentava uma emboscada  
Naquela noite de ideal beleza.  
A vista era sombria e carregada  
E os dentes a ranger com aspereza  
Davam-lhe o tom supremo da braveza  
Num ataque de cólera danada.  
E caminhando em cata dessa prêsa  
Que procurava com mão revoltada,  
Foi encontrá-la tímida, acoitada,  
Onde lino disse a mais cruel fereza.

### V

Oh que horroroso espanto!!!  
—Que fazeis, D. Diogo, primo meu?  
Lhe perguntou el-rei tam irascivel  
Que o duque num suspiro emmudeceu.  
—Não respondeis, oh duque de Vizeu?  
A resposta será tam impossivel—  
Só porque um home' enfim vos surpreendeu  
Num momento de cólera sensivel  
E de memória sempre inesquecivel  
Na tradição fiel do povoleu?  
Sanguinária, raposa vil, terrivel,  
Que a fronte imunda para mim ergueu!  
Clamou el-rei, fixando triste o céu,  
Num lampear de vista mui temivel.

### VI

O sangue em borbulhões...—  
—Mas se ao destino ignóbil aprouvesse  
Pôr em p'riço constante a nossa vida  
Que farieis, oh duque, que mer'cesse  
A quem roubar a vida vos quizesse?  
Tornou el-rei num tom de voz sentida.  
—Primeiro o mataria se pudesse!  
Titubeou num tom de voz ouvida  
Só por el-rei que, com a fronte erguida,  
Lhe disse:—se isso ao menos ocorresse  
Ao vosso esp'rito... e numa arremetida  
Um punhal cravou. Monstro, se eu morresse,  
Loiros colhias! Mas como eu vivesse...  
Jamais se viu a morte assim vencida.

### VII

Um batalhão de espectros.  
Os últimos gemidos se perderam  
Com lentidão nas gélidas alturas.  
Os luarentos raios se esconderam  
Nas navens que manchadas pareceram  
De palidez sombria... e nas negruras  
Que logo aquela noite escureceram,  
Corpos humanos, vestes em brancura,  
Se agitaram, rangendo com segura,  
Em volta d'el-rei. Logo se meteram  
Na opacidade. Numa vil tremura  
Os espectros na noite pereceram.  
E a D. João, que as fúrias o venceram,  
Chegaram gritos duma voz mui pura.

### VIII

Lágrimas e suspiros.  
El-rei fugindo iroso para o leito  
Que tremendo deixára por momentos  
*Sentiu em si um arquejar sem geito.*  
Sentiu-se arrependido do seu feito,  
Sentiu turbados os seus pensamentos.  
—Senhor, lhe disse a esposa, vosso pleito,  
Não respeitou, por certo, casamentos!  
Lavai-vos já do sangue, que os lamentos  
Que, doloridos, solto do meu peito,  
Hão-de lembrar constantes os tormentos  
Desse duque infeliz! Mas ao respeito  
Me curvo resignada e me sujeito  
Sempre abafando os meus definhamentos.

PINDARO.